

## **Considerações sobre a filosofia de Nietzsche**

Roberto Veras

Universidade Federal de Campina Grande

**RESUMO:** Este artigo intenta analisar o prólogo *Assim falou Zaratustra* de 1885, não obstante, apresentar seus mais variados temas de maneira fundamental, que, de certa forma, proporcionam uma coesão conceitual para a compreensão do sistema filosófico nietzschiano.

**Palavras-chave:** além-do-homem. morte de Deus. niilismo. Último-homem.

**ABSTRACT:** This article attempts to analyze the prologue of 1885 *Thus Spake Zarathustra*, however, presenting its wide range of subjects in a fundamental way, that somehow provides a conceptual cohesion to the understanding of Nietzschean philosophical system.

**Keywords:** beyond-man. death of God. nihilism. last-man.

### **I**

A filosofia proposta por Nietzsche (1844-1900) tem como principal objetivo a desconstrução do pensamento metafísico clássico ocidental, cujos conceitos e valores são estabelecidos de maneira universal, que não suportam modificações. Assim, o filósofo alemão vai perceber que se faz necessária uma genealogia para sabermos onde foi o ponto de partida desse problema.

Segundo Nietzsche, o homem do mundo antigo, ou seja, o grego, foi o primeiro a estabelecer essa dicotomia de perspectivas de compreensão da realidade, isto é, sua divisão e oposição entre a exaltação da razão – *λόγος* – e a negação dos sentidos. Em outras palavras, a figura mais emblemática é Platão, que apresenta o mundo sob duas perspectivas distintas: sensível e inteligível. Segundo Nietzsche, essa desvalorização do mundo empírico causa uma negação da vida porque os pensadores do mundo grego clássico tinham como principal objetivo o enquadramento da realidade como pressuposto para o verdadeiro conhecimento de maneira racional; isto é, apenas no campo ideal e imaterial. Dessa forma, o filósofo alemão admite uma impossibilidade da razão como condição de aceitação da realidade de maneira plena e concreta.

Dessa maneira, o pensamento nietzschiano vai se caracterizando por ser uma forma de sátira e de ironia em relação às figuras mais importantes da história da humanidade como, por exemplo, a figura de Sócrates e Jesus Cristo. Para Nietzsche, eles foram modelos de homens covardes, fracos e decadentes. “Os filósofos são isso sim, os *decadentes* da helenidade, o movimento de oposição o gosto antigo, ao gosto nobre [...]”. (NIETZSCHE, 1987, p. 124 grifo do autor) Isso porque esses homens viveram de maneira racional; ou melhor, enquadraram a realidade do mundo em elementos puramente racionais, deixando para trás as experiências vividas que são fundamentais no pensamento nietzschiano. Para o filósofo alemão, a maneira de fazer filosofia não é buscando a verdade, encontrando um fim absoluto para cada pergunta; antes de qualquer coisa é conhecer as experiências naturais, é conhecer através do corpo – sendo assim, proporcionando uma verdadeira reflexão não pela verdade, mas pelos valores.

O modelo de filosofia proposta por Nietzsche mostra-se ante os múltiplos aspectos da natureza. As propriedades exclusivas da sensibilidade apresentam-se como elemento fundante para uma filosofia direcionada ao campo empírico; assim, o homem tende a criticar a ideia de razão e de verdade imposta pela metafísica clássica, como a ideia de Deus que se torna elemento norteador na vida humana.

Ao longo desse seu confronto com o conjunto da herança cultural de nossa tradição, Nietzsche forjou conceitos e figuras do pensamento que até hoje impregnam nosso vocabulário e povoam nosso imaginário político e artístico. Por exemplo, as noções de Apoio e Dionísio, transformadas em categorias estéticas; os conceitos de vontade de poder, de além-do-homem (*Übermensch*), de eterno retorno, de niilismo e da figura da morte de Deus. (GIACOIA, 2000, p.07)

Os conceitos produzidos pelo elemento da racionalidade substituirão o mundo puramente verdadeiro. Dessa maneira, Nietzsche critica a razão e o produto dela: a verdade. Assim, o homem torna-se o único possuidor do elemento da razão, no qual ele mesmo consegue convencionar o mundo por meio dos seus conceitos e da linguagem. A maneira de filosofia proposta por Nietzsche tem como grande diferencial as imagens produzidas por meio de metáforas e figuras de linguagem. Essa característica foi marcante no desenvolvimento de seu pensamento, uma vez que vai de contraposição aos argumentos obtidos apenas pelos critérios da razão. Todo conhecimento tem interesse: na medida em que eu pratico alguma ação objetiva, ela se torna interessada pelo meu corpo, isso porque conhecer é interpretar.

Para a conservação do homem, surge a linguagem, instrumento tal que promove certo grau de segurança diante das adversidades da vida. “O intelecto, como um meio para a conservação do indivíduo, desdobra suas forças mestras no disfarce; pois este é o meio pelo qual os indivíduos fracos, menos robustos, se conservam [...]” (NIETZSCHE, 1983, p. 45)

Com isso, percebemos que o exercício da linguagem tem grandes influências sobre o ser humano, na medida em que ele se comporta como um ser mais fragilizado. O homem, por conseguinte, consegue proporcionar e manipular certas verdades para conservar-se. Para que isso seja possível, o elemento da linguagem estabelece relação direta com a verdade que é fixada de maneira obrigatória e universal. Sendo assim, aqueles que não obedecem a essa certa convenção que a metafísica da linguagem propõe como sendo verdadeira poderão sofrer consequências sobre sua conservação em determinada situação. Essas pessoas

serão discriminadas e passarão a existir como um rebanho, no qual, os manejos de certas verdades ocasionam um adestramento de intelectos.

Então, podemos afirmar que a linguagem é produto de criação humana, cuja principal finalidade é dar segurança as suas descobertas, porque o homem conhece aquilo que produz; assim, os conceitos são frutos do trabalho humano que proporcionam uma verdade, na qual ele poderá ter garantia em suas afirmações denominadas de verdade.

Daí, o homem consegue estabelecer as primeiras leis sobre verdade e mentira. A linguagem torna-se o grande mecanismo no desenvolvimento das atividades do homem, causando, assim, uma necessidade de relações pacíficas e de acordos propostos pelo intelecto.

## II

Dessa maneira, a linguagem torna-se produto da razão; por conseguinte, ela apresenta-se como uma metafísica da certeza, isto é, dos impulsos voltados para a verdade. Esse movimento desde Platão pode ser percebido como resultado de uma duplicação das coisas, ou seja, os mundos são divididos causando assim uma valorização do mundo ideal e uma desvalorização do mundo material. Para Nietzsche, esse movimento pode ser caracterizado como *niilismo*.

O que podemos denominar de niilismo? Em poucas palavras, o niilismo pode ser compreendido como uma desvalorização de valores que são estabelecidos por certos paradigmas ou por certas convenções. Também chama-se niilismo todo o consolo metafísico retirado do sujeito, cuja raiz é fundante para a conduta da vida. A corrosão, a desvalorização, a morte do Sentido. [...] Os valores tradicionais depreciam-se; princípios e critérios absolutos dissolvem-se. [...] A superfície, antes congelada, das verdades e dos valores tradicionais está despedaçada e torna-se difícil prosseguir o caminho [...]. (PECORARO, 2007, p.07)

Para o filósofo alemão, o niilismo tem grandes dimensões principalmente em sua época, mas esse problema havia sido detectado por ele no mundo antigo.

Segundo Nietzsche, o conceito de niilismo possui algumas subdivisões que permitem uma maior compreensão de seu aspecto filosófico.

O niilismo pode ser ativo, passivo ou radical. O primeiro tipo de niilismo tem uma perspectiva positiva, uma vez que, com a negação de valores, tem-se a possibilidade de uma nova abertura de caminho para novos elementos fundantes, no qual serão reerguidos para uma nova dimensão da realidade. Esse tipo de niilismo pode ser caracterizado como algo positivo, isto é, por meio da desconstrução de todos os valores que norteavam o campo das ações de determinada cultura, pode-se agora construir novos preceitos que possibilitam uma nova concepção de vida.

Por outro lado, o niilismo na sua forma passiva de maneira fraca e esgotada. Esse tipo de niilismo mostra-se como um modo conformado de entender os valores propostos e estabelecidos, sobretudo, no campo metafísico, cuja importância está nos preceitos morais que estão vinculados à cultura ocidental.

Na sua forma mais complexa, surge o niilismo radical, no qual a base é totalmente negativa. Sua posição em relação ao mundo não é compreensível, porque sua posição não oferece movimentos satisfatórios para o desenvolvimento de valores, muito menos de ações que venham a melhorar a vida do sujeito.

O *niilismo ativo* aparece em circunstâncias relativamente bem mais favoráveis. O simples fato de que a moral seja sentida como superada pressupõe um grau apreciável de cultura intelectual; esta, por sua vez, um relativo bem-estar. [...] o *niilismo passivo*: enquanto sinal de fraqueza: a força do espírito pode estar cansada, *esgotada*, de maneira que os objetos e os valores e dos fins [sobre o qual repousa o poder de uma cultura] se dissolve, ainda que os diferentes valores estejam em guerra: decomposição na medida em que tudo o que reconforta, cura, tranquiliza, atordoa, passa para o primeiro plano, sob diversos disfarces: religioso, morais, políticos, estéticos etc. [...] O *niilismo radical* é a convicção do caráter absolutamente insustentável da existência [...]. (NIETZSCHE, 2003, p. 11-15 grifo do autor)

Para Nietzsche, o niilismo tem uma possibilidade de abertura para novas formas de valorização da cultura ocidental. Segundo ele, a negação da vida e do corpo, como havia sido apresentada antes, estabelece critérios que podem ser seguidos. Os preceitos morais do Cristianismo, que norteavam a conduta de vida do homem ocidental, com o advento do niilismo, estão despedaçados. O homem nega todos os valores cristalizados como sendo universais e finalizados. Para o sujeito, abrem-se novos caminhos e novas dimensões para o melhoramento da vida e da cultura em geral.

O Deus do Cristianismo, com a proposta do niilismo, vai perdendo forças e ficando desestabilizado em relação a sua tábula de regras morais que serviam como modelo de conduta para o homem. Com a “morte de Deus”, todas essas normas metafísicas vão sendo substituídas pelos novos valores pautados no sujeito. O próprio povo é responsável pela morte de Deus, na medida em que seus valores metafísicos vão sendo substituídos por outros preceitos apenas com nomenclaturas diferentes.

Contudo, “[...] Deus é inútil, já que ele nada quer. [...] Todo juízo de valor emitido sobre o mundo leva finalmente a uma calúnia da vida. Julga-se apenas aquilo que é, em relação ao que deveria ser – reino do céu, ideias eternas ou imperativo moral” (CAMUS, 2010, p. 88-89). Assim, o homem pode-se dizer criador de sua própria conduta moral, porque o Deus que era ponto de referência em relação ao que poderia ser feito ou não, este Deus, não existe mais. Todas as possibilidades de inovação estão em aberto.

Com isso, o filósofo alemão propõe uma filosofia da revolta. O Cristianismo, com seu modelo moral, estabelece promessas metafísicas que nunca poderão ser comprovadas como, por exemplo, reino do céu ou a vida eterna. Para Nietzsche, tudo não passa de consolos metafísicos que não possuem condições de sustentarem uma moral para o sujeito.

O reino dos céus está imediatamente a nosso alcance. Ele nada mais é do que uma disposição interior que nos permite colocar os nossos atos em contato com esses princípios o que nos pode dar a beatitude imediata. [...] A partir do

momento em que o homem não acredita mais em Deus, nem na vida imortal, ele torna-se “responsável por tudo aquilo que vive, por tudo que, nascido da dor, está fadado a sofrer na vida”. É a si próprio, e somente a si próprio, que cabe encontrar a ordem e a lei. (CAMUS, 2010, p. 89)

Portanto, assim como Camus, podemos perceber a proposta que Nietzsche estabelece com o niilismo de maneira ativa; isto é, abrindo novos valores estabelecidos pelo homem moderno de sua época. O Deus cristão não possui influência moral na conduta de vida da cultura da sociedade ocidental, cabe ao homem mostrar sua nova construção de valores, instituídos por si mesmo.

### III

No *Assim falou Zaratustra* - 1885, o filósofo alemão mostra vários temas filosóficos que já estavam em curso anteriormente em suas obras. Na primeira parte, a inversão paródica ocorrida entre o Zaratustra de Nietzsche, que sobe a montanha aos trinta anos e vai morar na solidão, torna-se mais evidente, uma vez que o filósofo alemão tenta exibir uma relação crítica ante o Cristianismo e o Platonismo.

Assim, o foco principal nessa obra é tentar estabelecer novas perspectivas culturais, nas quais o homem consiga prosperar, atuando, principalmente, no aspecto ético e moral. Por que, entretanto, Nietzsche usa o nome do profeta Zaratustra em sua obra? “[...] o que Nietzsche observa é que Zaratustra foi o primeiro a pregar um dualismo e um moralismo que, recebidos depois, como herança, da Bíblia e da Grécia, impregnarão toda a nossa cultura.” (SUFFRIN, 2003, p.33)

Dessa forma, a noção entre bem e mal foi estabelecida pelo Zaratustra profeta, cujo dualismo e cuja valorização de preceitos morais, ficaram sendo resgatados pela cultura ocidental, que, por conseguinte, utilizou-se para o fortalecimento de suas doutrinas.

No Zaratustra de Nietzsche, o caráter de inversão paródica encontra-se em várias situações, como, por exemplo: “São dez anos que sobes à minha caverna: e já se te haveriam tornado enfadonhos a tua luz e este caminho, sem mim, a minha águia e a minha serpente.” (NIETZSCHE, 2000, p. 33) A primeira figura que percebemos é a imagem da caverna, a qual Platão apresenta no “livro VII” da *República*, como sendo um lugar de escuridão e de sombras, que não proporciona a verdade, apenas ilusões. Em termos mais específicos, podemos compreender a crítica que o filósofo alemão direciona para o Cristianismo e, antes disso, contra os filósofos antigos. A figura de linguagem proporcionada no Zaratustra é apenas uma maneira de compreensão da realidade, na qual o homem, de maneira experimental, consegue apenas conhecer as coisas apenas no âmbito sensível. As realidades oriundas do campo ideal, que, segundo Nietzsche, não proporciona o conhecimento verdadeiro, apenas são reflexos de nossa razão que é descaracterizada em seu estilo filosófico.

Essa maneira de pensamento Nietzsche vai criticar: o mundo dos verdadeiros conhecimentos é aquele no qual vivemos, isto é, o mundo da sensibilidade. A negação do mundo real deixa o homem no estado de niilismo. Para o filósofo alemão, deve-se primeiramente valorizar os critérios impostos pelo corpo, não podemos estabelecer uma duplicidade dos mundos sem conseguirmos conhecê-los.

Segundo Platão, existe um outro mundo, mundo das Ideias, das coisas em si, em relação ao qual este mundo sensível não tem mais consistência que uma sombra; e o conhecimento, o verdadeiro saber, ultrapassa a simples opinião, justamente porque não se refere ao mundo sensível, mas se relaciona com o mundo inteligível, no qual o sensível é apenas um vago reflexo. Ora, o pensamento de Zaratustra situa-se além e tem seu ponto de partida aquém dessas oposições sensível/ inteligível, opinião/saber. Ele recusa a oposição entre além e aquém, inteligível e sensível, ele os reconcilia. (SUFFRIN, 2003, p. 42)

Assim, a maneira filosófica de Nietzsche mostra-se como uma maneira harmoniosa cujo seu principal objetivo é a inversão paródica entre os conceitos



elaborados durante a história da filosofia ocidental, a qual se tornou base para a constituição de valores.

O processo metodológico do filósofo alemão continua com a exposição da “morte de Deus”, isto é, o próprio processo de niilismo que já estava em curso durante suas obras se apresenta como sendo uma finalização da ideia de Deus perante o homem que cultuava na floresta uma figura já destruída. “[...] Zaratustra falou assim ao seu próprio coração: “Será possível? Esse velho santo, em sua floresta, ainda não soube que *Deus está morto!*” (NIETZSCHE, 2000, p. 35).

Para Nietzsche, o niilismo poderia abrir novas perspectivas e oportunidades para o desenvolvimento de novos valores e para uma possível renovação na cultura do homem ocidental na sua maneira de ser, pensar e agir. Com isso, o filósofo alemão propõe mostrar a figura do homem moderno que poderá ser superado pelo “além-do-homem”, mas como podemos entender esse novo homem? A partir da explicação do homem moderno.

O homem moderno é o sujeito de sua época, este, por sua vez, encontra-se no estado de iluminismo; sendo assim, o homem moderno está entregue às outras formas que compõem o pensamento metafísico, ou seja, para ele, as ideias absolutas de liberdade, fraternidade e igualdade substituem os valores estabelecidos anteriormente pelos homens. Apenas acontece uma modificação de termos, cujo objetivo sempre será de valores estabelecidos fixamente como modelo a serem seguidos.

O último-homem é a caricatura que Nietzsche faz do homem moderno, o homem do presente, o último representante da humanidade decadente que não quer ir mais além e gaba-se de uma coisa que lhe traz felicidade: a cultura (*Bildung*). Nietzsche descreve o último homem, no *Zaratustra*, como aquele homem do presente que, de posse da técnica, convence-se da possibilidade da conquista da felicidade por meio de uma planificação humana (JULIÃO, 2007, p. 88-89).

O último-homem tende a conservar-se. Ele busca em sua estagnação de hábitos algumas utilidades que proporcionam um ciclo de conservação de sua

integridade, como, por exemplo, dialética, conceitos e linguagem, pois esses elementos favorecem o homem moderno diante das adversidades da vida.

Por outro lado, o além-do-homem mostra-se como sendo o homem que não se conforma com seu estado de conservação da espécie: para ele, nunca se chega a uma finalidade. A busca por novas superações sempre é constante.

Fantasma cuja sombra espectral oblitera a fulguração solar do Além-do-Homem, ele faz sua aparição, no prólogo de Zaratustra, sob a figura sinistra do Último Homem, a derrisória duplicação invertida da auto-superação humana. No entanto, essa tenebrosa ameaça não constitui senão o resultado adventício do pensar e do agir daqueles mesmos representantes da moderna *Aufklärung* que o homem louco encontrara reunidos, em sacrílega confraria, na praça do mercado: os arautos da crença no progresso infinito do conhecimento, que deveria conduzir ao domínio do homem sobre a natureza e à humanização das relações entre os homens. (GIACOIA, 2001, p. 14)

O além-do-homem nietzschiano apresenta-se como forma de superação do último homem, ele mostra-se como uma oposição em todos os aspectos que envolvem o modelo de homem moderno da época de Nietzsche. Assim, o objetivo do além-do-homem (*Übermensch*) é de superar uma cultura estagnada em seus valores cristalizados e, para tanto, torna-se aquilo que é por meio de de uma superação de si mesmo, e de todos que estabelecem uma cultura baseada no enfraquecimento da vida.

#### IV

Conseguimos compreender nesse trabalho que a filosofia proposta por Nietzsche pressupõe toda uma reflexão crítica em torno da filosofia proposta pelos gregos, isto é, o homem antigo passou a enquadrar o mundo no seu modelo racional, não proporcionando, assim, uma compreensão empírica da realidade. Seus aspectos culturais e morais cristalizaram-se, passando, assim, a impor certos

limites para a conduta da vida do homem, algo que Nietzsche não aceitava como subterfúgio moral.

A figura do além-do-homem faz a filosofia nietzschiana mostrar-se como sendo mal compreendida na cidade em que Zaratustra o anunciava. O último-homem não compreendeu a mensagem que o anunciador do além-do-homem estava a mostrar. “São inteligentes e sabem de tudo o que aconteceu: assim, sua chacota não tem fim. [...] E olha para mim rindo e, rindo ainda me odeiam. Há gelo no seu riso.” (NIETZSCHE, 2000, p. 41-42)

Dessa forma, o fracasso pedagógico de Zaratustra fica evidente, na medida em que ele tenta estabelecer uma nova perspectiva cultural na sua época. Na tentativa de apresentar o além-do-homem, os homens modernos não querem saber dessa novidade, deixando o Zaratustra desmotivado para sua revelação.

Em síntese, podemos afirmar que o projeto filosófico executado no *Assim falou Zaratustra* de 1885 tem como principal foco sua ironia diante das promessas da tradição, bem como seu acesso inovador às questões do corpo como fonte de acesso a uma verdadeira forma de filosofar.

## REFERÊNCIAS

CAMUS, A. A afirmação absoluta. In: \_\_\_\_\_. **O homem revoltado**. Tradução de Valerie Rumjanek. 8. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2010.

GIACOIA, O. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000. (Folha Explica)

\_\_\_\_\_. O caos e a estrela. **Impulso**. vol. 12. nº 28. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2001.

JULIÃO, J. Sobre o prólogo do Zaratustra. **Cadernos Nietzsche**. nº 23. São Paulo: GEN, 2007.

NIETZSCHE, F. Sobre a verdade e Mentira no sentido extra-moral. In: \_\_\_\_\_. **Obras incompletas**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. Crepúsculos dos ídolos. In: \_\_\_\_\_. **Obras incompletas**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Mário da Silva. 11. Ed. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. O niilismo europeu. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. **Comum**. Rio de Janeiro: v.8. nº 21. p. 5-23, Jul/Dez 2003.

PECORARO, R. **Nilismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. (Coleção Passo-a-passo; 77).

SUFFRIN, P. **O “Zaratustra” de Nietzsche**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.